

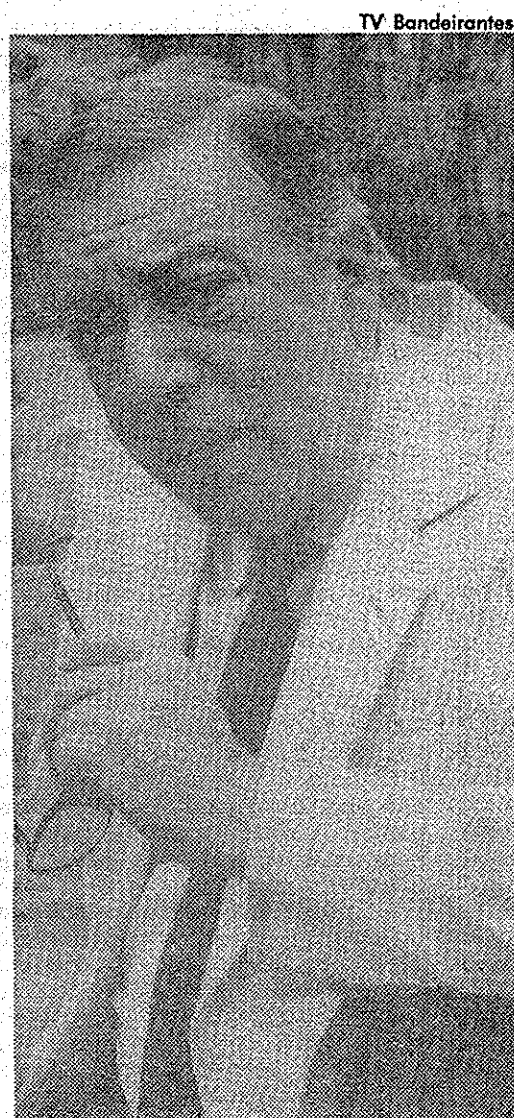
CEDI

Povos Indígenas no Brasil

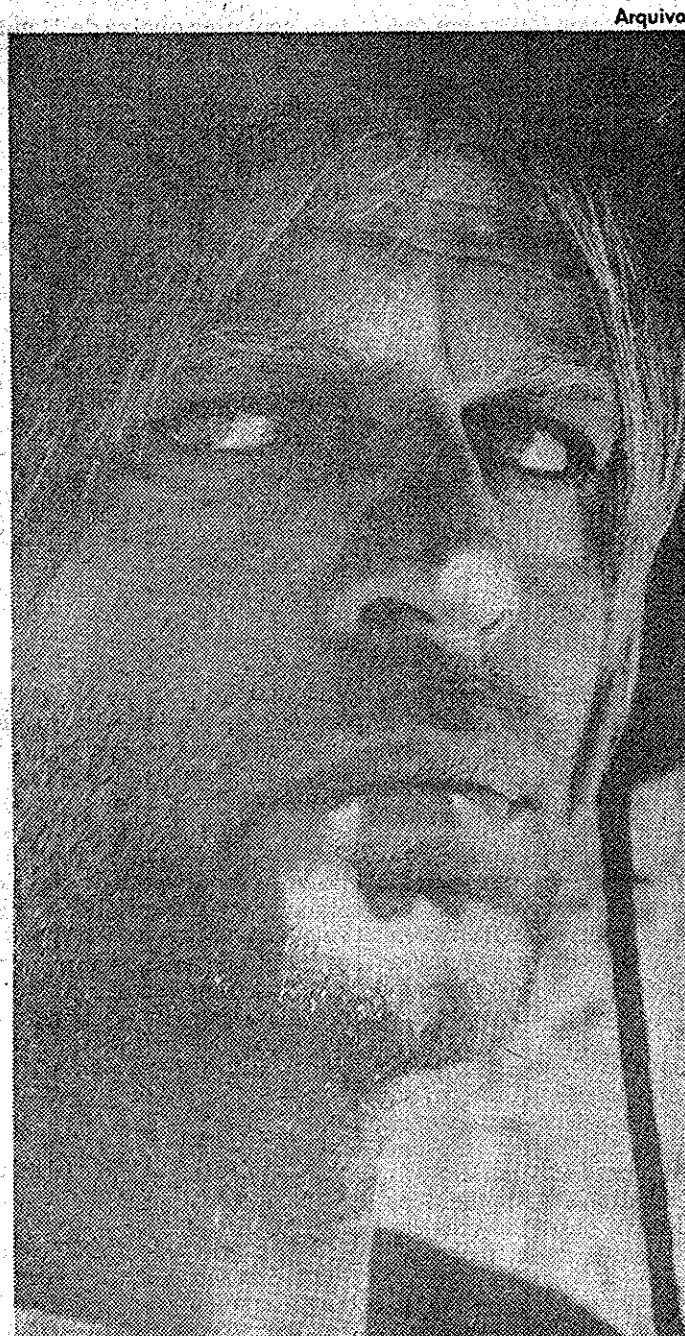
Fonte *Jornal do Brasil (Rj)* Class.: *10*
Data *4 de abril de 1983* Pg.: _____

190 José Lewgoy defende Herzog

“NÃO HOUE MATANÇA DE ÍNDIO NEM DEVASTAÇÃO EM FITZCARRALDO”



TV Bandeirantes
José Lewgoy garante não ter havido qualquer violação aos direitos dos índios nas filmagens de *Fitzcarraldo*, papel-título interpretado por Klaus Kinski (à direita)



Susana Schild

PARA o diretor alemão Werner Herzog (Kaspar Hauser, Aguirre, Stroszek) terminar *Fitzcarraldo*, que estreia hoje no Rio, era uma questão de vida ou morte. Se não terminasse o filme, declarou várias vezes, terminaria com a vida, tamanho o seu empenho em reproduzir a obsessão de um delirante irlandês que deseja construir um teatro para encenar uma ópera com Caruso em plena selva. De uma certa forma, a obsessão do personagem e do diretor confundiam-se, e este, após quatro anos de conturbadas filmagens, era recompensado: *Fitzcarraldo* recebia o prêmio de melhor direção em Cannes no ano passado.

As glórias, porém, eram apenas parciais, pois ao lado dos louros Herzog era duramente criticado por parte da imprensa européia, acusado, nada menos, de repetir, na realidade, o papel de colonizador de *Fitzcarraldo*, explorando índios, destruindo a ecologia, devastando a selva em nomes dos próprios interesses.

Tudo falso, afirma José Lewgoy, testemunha ocular da história.

Há dois anos, quando pensava apenas em um contrato tranqüilo com a Globo e, quem sabe, uma próxima aposentadoria, José Lewgoy era contactado por um representante de Herzog, George Sluyer, à procura de complementação do elenco para *Fitzcarraldo* no Rio. Com fotos na mala, Sluyer volta para a Alemanha e de lá Lewgoy é avisado de que teria o papel de um dos barões da borracha na Amazônia no começo do século. Na época, Lewgoy tomava conhecimento do restante do elenco: Jack Nicholson seria *Fitzcarraldo*, Mick Jagger, um sobrinho doente mental que só falava por versos de Shakespeare, Cláudia Cardinale seria Molly, a dona de um bordel e amante do irlandês, e Mário Adorf (o pai do

garoto Oscar em *O Tambor* interpretaria o comandante do navio. Para quem tem medo de um Jumbo 747, enfrentar um Cesna monomotor para chegar ao local das filmagens em pleno temporal foi o maior desafio da carreira do artista.

— Eu só pedia para morrer — lembra José Lewgoy aonde eu ia o temporal ia atrás.

Finalmente, ao chegar em Iquitos, Lewgoy encontrava Jason Robards no lugar de Jack Nicholson, que desistira do papel. Durante três dias, Lewgoy-Robards e Mick Jagger filmaram a cena da partida do navio. Dias depois, Jason Robards, desidratado e com desinteria amebiana voltava para os Estados Unidos com Mick Jagger, este pronto para uma nova excursão com os Rolling Stones. Seu papel, simplesmente acabou eliminado. Depois de dois anos procurando locações, pelo menos um terço das filmagens prontas, Herzog voltava praticamente à estaca zero. Apesar dos desentendimentos crônicos com o ator Klaus Kinsky (Aguirre, Nosferatu, Woyzeck), Herzog decidiu chamá-lo para o papel de *Fitzcarraldo*. Quando Mário Adorf soube da novidade no elenco — é inimigo declarado de Kinsky — voltou para a Alemanha. Um dono de botequim em Iquitos, sem qualquer experiência no cinema, ocupou o seu lugar.

NAS seis vezes, ao longo de 1981, que Lewgoy foi a Iquitos, o ator garante não ter, em momento algum, testemunhado as atrocidades comentadas na imprensa internacional. Segundo Lewgoy, um acordo inicial com a tribo dos Piraguaras deu no início a todo mal-entendido. O conselho da tribo, explica, estava em briga com o Governo, com os militares, com os posseiros da região e, nessa briga generalizada, acabou “sobrando” para Herzog. Panfletos com fotos dos campos de concentração de Auschwitz eram distribuídos aos in-

dios — e não se sabe por quem — dizendo que os alemães das filmagens fariam o mesmo com eles. O resultado foi a expulsão da equipe de produção, antes mesmo do começo das filmagens de um primeiro acampamento incendiado. Inclui-se a denúncia de que Herzog era condenado pela Anistia Internacional deriva de situação bem diferente, como explica José Lewgoy.

— Herzog, na verdade, recebeu um telegrama da Anistia Internacional para que intercedesse em favor da libertação de dois índios e um agrônomo francês, presos em consequência de um incêndio no acampamento indígena. Ele foi chamado para ajudar e não acusado de atrocidades.

Fora as brigas entre Herzog e Klaus Kinsky, uma violenta reação de amor e ódio, segundo Lewgoy, a equipe se entendeu bem, embora enfrentasse grandes problemas de produção, de falta de verba e a obsessão de Herzog. Três navios reais foram utilizados nas filmagens (o diretor recusava reproduções em isopor), pois dois encalharam. Mas nenhum índio foi utilizado na sequência de levar o navio pelo alto da montanha, como acusaram matérias estrangeiras.

Nem 100 nem cinco mil índios poderiam fazer esse trabalho. O navio foi erguido por um imenso caterpillar de Tabatinga, que também abriu clareiras e estradas. Como imaginar que o governo do Peru permitiria qualquer arbitrariedade com os índios? Eles participaram das filmagens com prazer e se divertiram muito. Além do mais, é só pensar um pouco: eles eram muito mais numerosos do que nós. Em nome de que suportariam tantos sacrifícios ou exploração?

Sem devastação ecológica ou matança de índios, Lewgoy lembra que as filmagens, em plena selva amazônica, apesar da falta do conforto da civilização, tinha menos mosquitos que em Cabo Frio e era menos quente que o Rio de Janeiro no verão.

UM DIRETOR TÃO POLÊMICO QUANTO SEU PERSONAGEM

POLÊMICO como seu personagem, o diretor Werner Herzog foi acusado de imperialista cultural, torturador e assassino de índios, e paranóico — obsessivo por seus métodos de trabalho na filmagem das aventuras de *Fitzcarraldo*, empresário irlandês que amava ópera.

Enquanto o filme era lançado na Alemanha, o Cacique Evaristo Nuckuag Ikanan, presidente do Conselho das Tribos dos Aguarunas e Huambisas, percorria todo o país denunciando os maus-tratos e prejuízos sofridos por seu povo em

consequência da atuação de Herzog e sua equipe de quase 500 pessoas.

Com um amor obsessivo pelo realismo cinematográfico, o diretor se recusou a construir um navio em papelão ou isopor para transportá-lo morro acima, contra a correnteza do rio. E, como o personagem retratado, usou índios peruanos para a pesada tarefa de transportar um pesado navio de verdade, abrir estradas e derrubar árvores.

Seus críticos alegam que ele poderia ter fixado seu set de

filmagem nos arredores de Iquitos, onde atores e técnicos teriam gozado de relativo conforto. Mas Herzog preferiu submetê-los aos mosquitos e à insalubridade da selva, escolhendo locações a uma semana de viagem da cidade peruana.

Decidido o lugar do acampamento, o diretor constatou que ficava a apenas 25 quilômetros de distância da área onde peruanos e equatorianos lutavam por questões fronteiriças. Além disso, a tribo contratada como figurante enfrentava uma disputa interna pelo poder que resultou na morte de diversos

índios e no incêndio do acampamento.

Como se não bastasse, depois de quatro anos de filmagens e de ter sofrido críticas asperas em seu próprio país, Herzog está sendo processado por Jason Robards, que desistiu do papel de *Fitzcarraldo* depois de rodadas 40% das cenas. O ator exige 500 mil dólares como indenização por uma série de doenças contraídas durante as filmagens.

— Herzog foi inescrupuloso com os índios, trouxe-lhes doenças e causou a morte de alguns — afirmou a imprensa

alemã em maio do ano passado a diretora Nina Gladitz, que lançou um filme contra o cineasta.

Nina compara Herzog à célebre diretora Leni Riefenstahl, uma nazista convicta e admiradora de Hitler, que usava prisioneiros de campos de concentração como extras em seus filmes.

— Sou de opinião que não deve valer apenas o resultado final de uma película, mas também os trabalhos de filmagens, que devem respeitar um mínimo de exigências éticas. Estou convencida de que Herzog com-

portou-se como um conquistador espanhol e violou os direitos humanos dos índios. Tenho muitas provas disso — acrescentou Nina.

Sempre alegando inocência, Herzog ameaçou queimar-se vivo diante da sede da Anistia Internacional em Bonn caso a organização não o reabilitasse de suas críticas a seus métodos de trabalho. Na época, Barbara Geier, porta-voz da Anistia na cidade, afirmou que a organização não o reabilitaria, pois nunca o condenara e concluiu:

— Se ele quiser incendiar-se aqui em frente, eu filmo.